

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso C-PEM/92.....

Partido-

Solução do P-III-8 (En) ENSAIO

Apresentada por

CARLOS ALBERTO BRIGGS VASCONCELLOS

CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA

NOME E POSTO



19

RIO DE JANEIRO

19.92.....

Vasconcellos, Carlos Alberto Briggs.

A teoria da guerra total de Ludendorff. - Rio de Janeiro: EGN, 1992.

12 fl.

Bibliografia

Ensaio: C-PEM, 1992.

1. Ludendorff. 2. Primeira Guerra Mundial. 3. Estratégia. I. Brasil. Escola de Guerra Naval. II. Título.

EXTRATO

Análise do pensamento de Ludendorff e de suas concepções sobre a guerra total.

A partir do posicionamento do personagem no cenário da Alemanha do final do século XIX e da visualização do seu caráter, carreira militar e convicções políticas, verifica a racionalidade de suas idéias polêmicas tais como: subordinação da política à guerra, comando supremo e coesão anímica do povo.

A comparação entre as idéias de Ludendorff e Clausewitz sobre alguns aspectos da guerra são também verificados.

Em retrospectiva de sua atuação na guerra, tanto como Chefe do Estado-Maior do VIII Exército na frente Leste, bem como virtual ditador militar do País a partir de 1916, analisa suas atitudes, erros e acertos, questionando, nas conclusões, a validade de sua teoria e a lógica de suas decisões na condução da guerra.



MM. E. Q. N.
BIBLIOTECA
18/02/1993
3.463

GN-000101000-8

Vasconcelos, Carlos Alberto Braga.
A teoria da guerra total de Ludendorff.
Rio de Janeiro: EGB, 1992.
12 fl.
Bibliografia
Resumo: C-PEM, 1992.
1. Ludendorff, E. P.
2. Teoria da guerra total.
3. Brasil. Escola de guerra naval.
4. Teoria da guerra total.

EXTRATO

Análise do pensamento de Ludendorff e de suas
concepções sobre a guerra total.
A partir do posicionamento do personagem no cenário
da Alemanha do final do século XIX e da visualização do
seu caráter, carreira militar e convicções políticas,
verifica a racionalidade de suas ideias polemicas tais
como: subordinação da política à guerra, comando supremo
e coesão animica do povo.
A comparação entre as ideias de Ludendorff e Clausewitz
sobre alguns aspectos da guerra são também veri-
ficadas.
Em retrospectiva de sua atuação na guerra, tanto
como Chefe do Estado-Maior do VIII Exército na frente
leste, bem como virtual diretor militar do País a partir
de 1916, analisa suas atitudes, erros e acertos, questi-

Prezado Leitor

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado, pois se houver qualquer dano ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

quando, nas conclusões, a validade
lógica de suas decisões na condução

. Tema : Direção e Comando Supremo da Guerra vistos por Ludendorff.

. Titulo : A TEORIA DA GUERRA TOTAL DE LUDENDORFF

. Tópicos a abordar : - Condução de exércitos confederados e aliados e o que se observou na Primeira Guerra Mundial.

- a direção e comando supremo da guerra (em especial a racionalidade de suas idéias); e

- crítica do pensamento de Ludendorff quanto ao papel desenvolvido pelos estados-maiores na condução da guerra.

. Proposição: Analisar a teoria do General Ludendorff sobre a guerra total, situando-o no cenário da Alemanha do início do século.

Considerando os aspectos de seu caráter nos planos pessoal, militar e político estudar a racionalidade e a lógica de suas proposições em confronto com a sua conduta demonstrada no curso da Primeira Guerra Mundial, como soldado e administrador. Concluir sobre a validade de suas proposições.

DIREÇÃO E COMANDO SUPREMO DA GUERRA VISTOS
POR LUDENDORFF

A TEORIA DE GUERRA TOTAL DE LUDENDORFF

SUMARIO

- * Introdução
- * O cenário e o homem
- * Sua concepção sobre a guerra total
- * A condução da guerra, erros e acertos
- * Conclusões

A TEORIA DA GUERRA TOTAL DE LUDENDORFF

"Ouço já os gritos de indignação que hão de soltar os políticos com a idéia de que a política deve ser subordinada aos interesses da guerra... Que se zanguem pois, e julguem minhas idéias como as de um velho militarista; isso em nada mudará a realidade da guerra."

Erich Ludendorff (4:249)

Como deve ser conduzida uma guerra? Quais devem ser seus objetivos? A quem cabe o Comando Supremo?

Desde a idade média e por muito tempo, até o advento das Guerras Napoleônicas, estas questões eram de fácil resposta. Um exército era formado e pago por um reino ou cidade, comandado por um general ou pelo próprio soberano que o formou e lançado sobre o reino ou cidade vizinha com o objetivo de subjugar seu governo e anexar seu território. Esses objetivos eram alcançados, quase sempre, em uma batalha decisiva entre os contendores, sem que a população de ambos os reinos participassem do conflito.

A guerra era essencialmente um negócio de estado, entre soberanos, e resolvido por meio de uma batalha entre os exércitos, muitas vezes formados por mercenários.

A Revolução Francesa alterou radicalmente esse quadro. As idéias liberais, o sentimento de liberdade e igualdade e a necessidade de proteger a República contra o retorno do absolutismo monárquico deram origem ao sentimento de Nação e ao surgimento do cidadão-soldado, a serviço do país e não mais do soberano. O exército era o povo e suas ações conduzidas por um General que representava a vontade política do

Governo.

A guerra deixara de ser um negócio de Estado para ser um assunto de Governo. Seus objetivos transcenderam a simples anexação territorial ou submissão religiosa e desdobraram-se em um largo espectro de interesses, abrangendo os campos militar, econômico e ideológico. Sua condução não podia mais ser responsabilidade de um único homem. A estratégia deixa de ser a arte do general e adquire dimensões mais amplas, na qual se apresentam como atores principais, além dos militares, os estadistas e os políticos.

Este trabalho procura analisar alguns aspectos sobre as teorias de condução da guerra, tendo como cenário a Europa do início do século, enfocando principalmente as idéias do General Erich Ludendorff, postas em prática na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial.

A partir das concepções de Clausewitz, general prussiano que, no século XIX, pela primeira vez estudou o fenômeno da guerra sob o ponto de vista filosófico, é feito um paralelo com as idéias e ações de Ludendorff, que representam na verdade o reverso dessa teoria, de modo a se verificar, nas conclusões, a racionalidade de seu pensamento e sua contribuição para a Arte Militar.

O cenário e o homem

O General Erich Ludendorff foi um típico representante da escola militarista prussiana que se formou a partir de 1870, com a consolidação do Império Alemão, após as vitórias de 1870-71 sobre os exércitos de Napoleão III.

Nascido em 1865, teve toda sua formação militar, a partir dos 12 anos, quando entrou para a Escola de Cadetes de Plön, orientada pelos ideais do "pan-germanismo" que tinha no culto da autoridade do Imperador, na perpetuação da raça germânica e nas virtudes militares de honra, disciplina e desprendimento diante do perigo seus maiores valores.

Embora nascido de família de classe média, ~~sem~~ descendência nobre, dedicou-se inteiramente ao serviço militar destacando-se em sua vertiginosa carreira (ver cronologia no Anexo A) pela arguta inteligência e elevada capacidade de trabalho, atributos que o levaram a ser selecionado, em 1904, ainda como Major, para integrar a equipe de oficiais do Estado-Maior Geral (EMG), então chefiado pelo General von Moltke (sobrinho do legendário Marechal Moltke, Chefe do Estado-Maior Geral durante as Guerras Franco-Prussianas de 1870). Nessa função, que exerceu por quase dez anos consecutivos, desenvolveu e aperfeiçoou suas qualidades de excelente planejador, dedicando-se com singular criatividade e inteligência ao preparo da mobilização do Império para a guerra que se delineava na Europa. Nessa tarefa soube Ludendorff aproveitar todo o potencial de seu País, que desde 1871 vivia um surto de crescimento econômico, industrial, populacional e tecnológico intenso. Desfrutava a Alemanha, em 1910, da melhor e mais extensa malha ferroviária da Europa, bem como de moderno e bem equipado sistema de redes telegráficas que valeram a Ludendorff, mercê de sua inteligente e eficaz utilização nos planejamentos do Estado-Maior, as vitórias iniciais nos primeiros anos do conflito e a possibilidade de manutenção de

duas frentes de combate nos anos seguintes, até 1918.

Em seus escritos posteriores à guerra, considerou sua atuação no conflito, sempre partilhada com Hindenburg, como algo de mais formidável acontecido na história da Alemanha e a Primeira Guerra como a mais tremenda calamidade vista na Terra, vendo-a "como uma guerra total, na qual o Governo, o Parlamento e o povo, além do Exército, deveriam devotar-se integralmente a sua condução, única maneira de se alcançar o grande objetivo da paz" (5:5).

Sua concepção sobre a guerra total

A Primeira Guerra, vivida intensamente por Ludendorff, embora conduzida de acordo com os princípios gerais de Clausewitz, envolveu, pela primeira vez na história, não só os exércitos mas também os povos em confronto. Em face de sua amplitude, era difícil distinguir onde começava a ação da força armada e onde terminava a participação do povo. Povo e Exército, para ele, eram uma só coisa. A luta em frentes imensas não se limitava à destruição dos exércitos inimigos mas também às energias psíquicas e vitais dos povos, cuja paralisia e desagregação se tornavam indispensáveis para a vitória militar. Ludendorff enfatizava, como um dos elementos fundamentais da guerra total que preconizava, a ação psicológica contra a força anímica do inimigo, usando para tal a propaganda.

Considerava assim que a guerra vivida pela Alemanha fora uma guerra total em decorrência de fatores políticos e materiais. Alinhava como políticos a influência que o povo judeu

e a Igreja Católica exerceram, antes e durante o conflito, sobre o povo germânico no sentido de enfraquecê-lo e dominá-lo (sic) e, como fatores materiais, os meios de combate cada vez mais destruidores capazes de atingir longas distâncias e destruir grandes áreas, bem como o alcance dos meios de comunicação por rádio e pela aviação que levariam a propaganda à toda a população do país em guerra. Contrariamente a Clausewitz, advogava que, na guerra total, à política caberia, tão somente, "a tarefa de procurar desenvolver toda a força vital do povo e consagrar-se à criação de suas formas de vida" (4:31), ficando os objetivos e a condução da guerra total ao Comandante-em-Chefe.

Absolutamente convencido dessas afirmações e imbuído da necessidade vital de alimentar as forças anímicas do povo, que somente seria conseguido pela exacerbação dos dogmas raciais, Ludendorff pregava a substituição de todas as teorias de Clausewitz afirmando que a política e a guerra servem para a conservação do povo, sendo esta a suprema expressão da vontade de vida racial, devendo, desta forma, a política servir à guerra (4:36).

Ludendorff atribuía à força anímica do povo o substrato que daria ao exército a coesão indispensável à luta pela vida e à conservação da raça na guerra. Essa coesão seria a base da guerra total. A perda da coesão anímica, afirmava, conduziria à derrota inevitável.

Com a visão obnubilada pelo desmoronamento de seu desvario belicista-racial, após a derrota, imputou aos judeus, à Igreja Católica, aos maçons e aos comunistas a culpa de todo

o desastre da Nação Alemã. Seu ódio à doutrina cristã levou-o a profetizar a destruição da Rússia e da Itália e dias de glória para o povo japonês, para quem o xintoísmo contribuía para a coesão anímica do povo e para sua unidade racial.

No plano econômico e financeiro a guerra total de Ludendorff tinha por princípio a necessidade vital de auto suficiência, de modo a poder sustentar os insumos do povo e do exército por um longo período. Afirmava que ao exército e ao povo nada deveria faltar para o prosseguimento da guerra. Esse princípio mais se justificava para as potências centrais, como a Alemanha e a Austria-Hungria, em face do inevitável bloqueio naval que sofreriam. A guerra prolongada exigiria também a formação de reservas que pudessem manter a rotatividade dos efetivos nas frentes de combate.

No plano psicossocial, considerava a disciplina voluntária como o principal fator de força do soldado alemão, fundamentando-a na iniciativa individual para expor-se ao perigo, vencendo o instinto de conservação durante as batalhas. Essa disciplina, acreditava, somente seria alcançada pela crença do soldado em seu fundamento racial e na tarefa, a ele atribuída por Deus, de sustentar sua unidade racial e assegurar a sobrevivência de seu povo. Tal disciplina, uma vez quebrada, daria margem a deserções que só poderiam ser punidas com a morte.

Aos sub-oficiais e oficiais, que constituíam os quadros profissionais, caberia a manutenção da tradição do Exército, a educação da tropa em tempo de paz e sua chefia em tempo de guerra, cabendo-lhes ainda o papel de continuadores dos

modelos e das qualidades militares prussianas para as classes de soldados que passariam.

No plano político considerava um erro a formalidade de uma declaração de guerra, como fizera a Alemanha em 1914, pois isto apenas contribuía para que a propaganda levantasse um grito de união, fortificando a coesão anímica do Estado inimigo.

Ludendorff atribuía importância capital para o sucesso na guerra a uma intensa e minuciosamente planejada mobilização em tempo de paz. Como componente do Estado-Maior Geral, sob as ordens de von Moltke, dedicou-se com empenho a essa tarefa, devendo-se em grande parte a seu trabalho a eficiência com que as tropas alemãs movimentaram-se pelo País, utilizando a excelente malha ferroviária existente.

Outro requisito de sua concepção de guerra total diz respeito ao comando supremo da guerra. Para Ludendorff a guerra só poderia ser conduzida eficazmente por um Chefe Supremo que tivesse sob suas ordens todo o potencial da Nação. Na estrutura alemã, então vigente, o Imperador era o Chefe Supremo seguindo-lhe, na ordem hierárquica, o Chefe do Estado-Maior Geral que seria o responsável pela direção das operações militares. Os quatro Estados Confederados que compunham o Império (Prússia, Baviera, Saxônia e Wurtemberg) possuíam seus próprios ministros que eram membros do EMG. Os Exércitos, entretanto, formavam um só corpo, subordinado ao EMG. Ao Ministro de Guerra cabia apenas a administração logística do Exército e a um Gabinete Civil cabia a administração interna do País, ficando as relações exteriores

a cargo do Chanceler. Ludendorff opunha-se a isto, admitindo apenas a figura do Kaiser como Comandante-em-Chefe e abaixo dele, com autoridade máxima para conduzir a guerra, o Chefe do Estado-Maior Geral. Tal Estado-Maior deveria ser constituído com os melhores planejadores da guerra marítima, aérea e terrestre, da propaganda, da técnica de guerra e da economia (4:241), ficando tudo o mais a ele subordinado. Os cérebros eram mais importantes que as patentes. No Estado-Maior de Ludendorff prevalecia a idéia original do Conde von Schlieffen para quem, no Estado-Maior de excelência, os Marechais-de-Campo não eram necessariamente os membros mais inteligentes, seguindo-se-lhes os Generais (3:262).

A condução da guerra, erros e acertos

O Marechal Paul von Hindenburg e o General Ludendorff estiveram juntos durante todo o desenrolar da Primeira Guerra Mundial. Desde as primeiras ações na frente Leste em 1914/15 até a derrota final na frente Oeste em 1918, Ludendorff atuou como uma espécie de "alter-ego" de seu superior, exercendo sobre ele forte influência devido a sua personalidade marcante, seu caráter firme e sua inesgotável capacidade de trabalho. Como Chefe do Estado-Maior do VIII Exército, comandado por Hindenburg em 1914, na Prússia Oriental, foi o virtual chefe e principal arquiteto das decisivas vitórias obtidas nas batalhas de Tannenberg e Lagos Massurianos que praticamente reverteram o curso da guerra na frente Leste, evitando uma iminente invasão da Alemanha a partir da Prússia Oriental.

O retumbante sucesso obtido nessa Campanha encetou a formação de um novo Corpo de Exército, o IX, ainda entregue a Hindenburg e seu Chefe de Estado-Maior, com a tarefa de conter o avanço do Exército Russo do Grão-Duque Nicolau sobre a Polônia. Nessa Campanha, mais uma vez, Ludendorff, demonstrando grande habilidade tática, e auxiliado pelas idéias brilhantes de seu Oficial de Operações, o Coronel Max Hoffmann, alcançou nova e decisiva vitória na Batalha de Lodz que consolidou em definitivo a frente Leste ao final de 1914.

Essas campanhas, cujas vitórias e feitos militares foram exacerbados pela propaganda interna, voltada, como pregava Ludendorff, para aumentar a coesão anímica do povo alemão, transformaram ambos os Chefes em heróis nacionais e serviram ainda para evidenciar a inabilidade do General Moltke, então Chefe do Estado-Maior Geral, em conduzir a Guerra na frente Oeste, que havia estagnado em função do fracasso do Plano Schlieffen.

O prosseguimento da vitoriosa campanha de verão na Rússia, em 1915, estendendo a frente além da Polônia até Brest-Litovsk e a decisiva intervenção em auxílio do Exército Austro-Húngaro, em dificuldades para prosseguir o avanço nos Balcãs, consolidaram a reputação de Hindenburg e Ludendorff como excepcionais Chefes Militares, levando o Kaiser a nomeá-los, em 1916, Chefe e Primeiro Sub-Chefe do Estado-Maior Geral, em substituição ao General von Falkenhayn, que caíra em descrédito após o fracasso de sua estratégia de desgaste em Verdun.

Ao assumir juntamente com Hindenburg, em agosto de 1916,

a Chefia e Sub-Chefia do Estado-Maior Geral, tem início o período que alguns autores chamam de "ditadura silenciosa". Nessa fase Ludendorff teve oportunidade de mostrar, em sua plenitude, o temperamento autoritário e preconceituoso que mais tarde viria expor em seus escritos (ver Anexo B). Praticamente anulando, com seu caráter combativo e personalidade forte, a figura já cansada do velho Marechal, exerceu controle quase absoluto do Estado Alemão, aplicando suas idéias sobre guerra total.

Após sair vitorioso em sua disputa com o Chanceler Bethmann-Holweg sobre a questão da proposta de paz, considerada por ele indigna e mais tarde rejeitada pelos aliados, motivando sua renúncia, Ludendorff obtém do Kaiser a autorização para a retomada da campanha submarina irrestrita que tem início em fevereiro de 1917. Essa decisão política, que teve como consequência imediata a entrada dos Estados Unidos da América na Guerra, seria o primeiro de uma série de erros político-estratégicos que Ludendorff iria cometer durante seu Comando da "guerra total", culminado com a ordem para uma ofensiva geral em março de 1918, no momento em que o Império Alemão dava claros sinais de exaustão com enfraquecimento econômico e insatisfação popular.

Como ato final de um jogo desesperado, Ludendorff tentou decidir, por meios puramente militares, envolvendo totalmente o que restava do poder econômico, social e militar do País, a guerra que a Alemanha já tinha perdido (1:303).

Com o fracasso da ofensiva, contida em julho, devido menos as habilidades defensivas de Haig e Pétain do que ao

incoerente comando de Ludentdorff (1:330), tem início a derrocada Alemã, que o leva a pedir o armistício em setembro, somente aceito pelos aliados em novembro, porém com exigências próximas a uma rendição incondicional.

Conclusões

Embora suas idéias sobre a condução da guerra e sua contribuição para a arte militar sejam as de um General que perdeu a guerra, elas se revestem, ainda hoje, de certa coerência e lógica, apesar do absurdo de algumas de suas concepções, certamente fundamentadas em dogmas raciais e idéias místicas que ofuscaram sua mente nos últimos anos de vida.

Sua visão sobre o inevitável envolvimento de toda a nação beligerante no esforço de guerra e a necessidade vital de se ter um planejamento minucioso e completo para o preparo da mobilização nas guerras futuras, foi quase profético, como se pode verificar nas espetaculares vitórias obtidas pelos alemães nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, em contraste com o despreparo material e psicológico dos aliados.

A capital importância atribuída por Ludendorff ao trabalho de assessoria desenvolvido nos Estados-Maiores, nos quais a liberdade de opinião e a primazia da inteligência e da técnica sobre a hierarquia era praticada, foi, indubitavelmente, fator decisivo para o sucesso das campanhas que empreendeu tanto na frente Leste, como nos primeiros meses da grande ofensiva de 1918 na frente Oeste e, talvez, sua maior contribuição à arte militar. Mercê do primoroso trabalho de

planejamento dos Estados-Maiores que chefiou e da inteligente assessoria recebida na avaliação da situação, antes e durante as batalhas, pelos oficiais de renomada competência que o cercavam (tais como os coronéis Hoffmann no VIII Exército e Wetzell no Estado-Maior Geral), pode Ludendorff desenvolver com maestria suas ações no campo da tática que resultaram nas memoráveis vitórias de Tannenberg, Lagos Massurianos e Lodz, valendo-lhe, desde então, sua merecida reputação de grande estrategista militar.

A genialidade como soldado no campo da tática, entretanto, contrastava com a flagrante incompetência no campo político-estratégico.

Sua concepção de guerra total, levada a extremos a ponto de considerá-la como uma luta pela sobrevivência racial do povo alemão, ameaçada pelos poderes ocultos internacionais representados pelos maçons, pelos judeus e pela Igreja Romana (4:37), levaram-no a assumir posições radicais, repelindo qualquer tentativa de obtenção da paz, efetuada pelo poder político, como sendo uma capitulação inaceitável que levaria a nação e o povo alemão à ruína. Sob essa mesma ótica absurda passou a advogar a heresia Clausewitiana de subordinar a política à guerra e seu corolário imediato, a necessidade de uma virtual ditadura militar para a correta condução da guerra, como de fato exerceu a partir de 1916, conduzindo o povo alemão ao desiderato trágico de 1918, que abriu as portas à ascensão do nazismo, e o mundo à grande tragédia da Segunda Guerra Mundial.

ANEXO A

A CARREIRA MILITAR DE LUDENDORFF

Nascido em Posem em 1865, terceiro filho de uma família de classe média alemã.

Entrou para o Exército aos 12 anos na Escola de Cadetes de Plön.

Aos 17 anos transferiu-se para a Academia Militar de Lichterfeld.

Como tenente serviu em regimentos de fuzileiros e de infantaria.

Em 1893 frequentou a Kriegsakademie, sendo aí indicado para o Estado-Maior.

Promovido a Capitão em 1895 e a Major em 1900.

A partir de 1904 passou a integrar a 2ª Seção do E.M. Geral do Exército, servindo sobre as ordens de Schlieffen, então Chefe do E.M.G., até sua substituição por Moltke em 1905.

Em 1907 foi promovido a Tenente-Coronel e no ano seguinte nomeado Chefe da 2ª Seção do E.M.G.

Em 1913, já Coronel desde 1912, em consequência da dissidência entre Moltke e o Ministro da Guerra, foi afastado do E.M.G.

Em abril de 1914 foi promovido a Major-General.

Ao iniciar a Guerra em agosto de 1914 foi designado Chefe do E.M. do Segundo Exército de von Bülow na frente Oeste.

De setembro de 1914 a agosto de 1916 foi chefe do E.M. do Oitavo Exército na frente Leste, sob o Comando de Hindenburg.

De 1916 a 1918 foi Primeiro Sub-Chefe do E.M. Geral, ainda tendo Hindenburg como Chefe.

FONTE: Bibliografia

ANEXO B

IDEIAS PRECONCEITUOSAS DE LUDENDORFF

- "Todas as conferências de desarmamento contrariam as sagradas leis da conservação racial, pelo que não podem coroar-se de bons resultados. Só a eliminação do imperialismo judaico-romano e o despertar racial dos povos poderão contribuir para a paz" (4:27).

- "A guerra que os Estados Unidos mantiveram com o povo alemão, tinha um caráter de guerra colonial, e portanto ato dos mais imorais, na medida em que procurava salvar o dinheiro dos capitalistas internacionais" (4:28).

- "Quanto mais os povos retomem consciência de sua raça, melhor discernirão as manobras destrutivas dos poderes ocultos internacionais (maçons), do povo judeu e da Igreja Romana para dominar o mundo" (4:37).

- "A doutrina cristã provem duma crença estranha que se encontra em viva contradição com o nosso fundamento racial, minando-o lentamente e debilitando a coesão anímica do nosso povo" (4:51).

- "Os judeus e a Igreja Cristã exploram os valores nacionais para impelir os povos uns contra os outros, destruindo-os, de modo que só o povo judeu teria direito de viver, para manter sua raça e os seus costumes" (4:52).

- "A religião cristã é o modo de propaganda mais apropriado de que se servem os judeus e Roma para estabelecer, após a coletivação dos povos à custa de seu caráter nacional, a república mundial ou o Estado de Deus" (4:53).

- "A religião cristã e a forma de vida que ela criou são as causas profundas da queda dos povos nas misérias da guerra total, vistos que os Judeus e Roma tendem para essa subversão" (4:56).

- "Os fracos de espírito, os histéricos de ambos os sexos, que a religião cristã considera eleitos, os doentes que creem em predições ocultas, nas sentenças do destino ditadas pelos astros, ou num Deus que forja a existência etc..., podem ser um sério perigo para a conservação do povo nos momentos graves de guerra" (4:63).

FONTE: A Guerra Total (4)

BIBLIOGRAFIA

1. BARNETT, Corelli. The Swordbearers, Supreme Command in the First World War. Bloomington, Indiana University Press, 1975.
2. BRITO FILHO, Alcides de. Clausewitz e Ludendorff: uma comparação. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, 100(1/3):57-62, jan./mar. 1981.
3. GOODSPEED, D.J. Ludendorff, soldado-ditador-revolucionário. Rio de Janeiro, Editora SAGA, 1968.
4. LUDENDORFF, Erich von. A Guerra Total. Rio de Janeiro, Editorial Inquérito, 1941.
5. ----. Ludendorff's own story. New York, Haper & Brothers Publishers, 1919.
6. RAPOSO FILHO, Amerino. Dimensões da Estratégia - Volume 2. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1990.
7. SPEIER, Hans. Ludendorff: The German Concept of Total War. In: EARLE, Edward Meale. Makers of Modern Strategy. 2.ed. New Jersey, Princeton University, 1973.

ESTE LIVRO DEVE SER DEVOLVIDO
NA ÚLTIMA DATA CARIMBADA

24 MAI 1995

06 ABR 1998

02 MAI 1998

02 JUN 1999

25 ABR 2000

MINISTÉRIO DA MARINHA

Vasconcellos, Carlos Alberto B
riggs

A teoria da guerra total de Lu
dendorff

6-D-59

DEVOLVER NOME LEIT. (3463/93)

24 MAI 1995

CC INGLER

16 ABR 1998

CC COSTA LIMA

Vasconcellos, Carlos Alberto B
riggs

A teoria da guerra total de Lu
dendorff

6-D-59

(3463/93)



00100240003463

A teoria da guerra total de Ludendo

6-D-59

Vasconcellos, Carlos Alberto B
riggs

A teoria da guerra total de Lu
dendorff

6-D-59

DEVOLVER NOME LEIT. (3463/93)

24 MAI 1995 ~~CC~~ CC INGLER

16 ABR 1998 CC COSTA LIMA ~~CC~~

02 MAI 1998 LATA

12 JUN 1999 ~~CC~~ CC(CS) MENDEZ

15 JUN 1999 renovado

25 ABR 2000 CC LEE